

01

ENTREVISTA COM ROBERTA SPINDLER

Alexandre da Silva Carvalho
Daniele Ap. Pereira Zaratín

Alexandre da Silva Carvalho

Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Sua pesquisa doutoral versou sobre o distópico em textos literários infanto-juvenis de autoria brasileira. A interface literatura-sociedade e personagem secundário são temas de interesse para o pesquisador. Ele foi editor do segmento infanto-juvenil da Paulus Editora por 10 anos; atualmente colabora como analista de originais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9573570607750782>.

E-mail: alexandre.carvalho.ssp@gmail.com.

Daniele Ap. Pereira Zaratín

Doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie com estágio doutoral na University of Houston. Docente colaboradora do GT Vertentes do Insólito Ficcional (ANPOLL). Suas pesquisas acadêmicas tratam da área da literatura latino-americana contemporânea, principalmente das narrativas ficcionais que apresentam as distintas vertentes do insólito em diálogo com a historicidade. É mestre em Letras e licenciada em Português-Espanhol. Sua atuação docente engloba tanto o ensino das línguas espanhola e portuguesa, assim como de suas respectivas literaturas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9017594931294100>.

E-mail: daniele_zaratin@yahoo.com.br.



Neste número dedicado às escritoras latino-americanas e o insólito ficcional, a *Abusões* publica entrevista com Roberta Spindler, autora de *A Torre Acima do Véu* (Giz Editorial, 2014) e *Heróis de Novigrath* (Editora Suma, 2018).

Roberta Spindler nasceu em Belém/PA e é graduada em Publicidade e Propaganda. Nerd confessa, adora quadrinhos, games e RPG. Trabalha como editora de vídeos, escreve desde a adolescência e é apaixonada por literatura fantástica. Tem contos publicados em diversas antologias e seu primeiro livro solo foi *A Torre Acima do Véu* (Giz Editorial, 2014). Em março de 2018, lançou *Heróis de Novigrath* (Editora Suma). É responsável pela sala temática de Literatura Fantástica do Animazon, o maior evento de cultura pop japonesa de Belém. Também faz parte da organização da Feira Literária do Pará (FliPA).

P.: O insólito pode ser descrito como a presença de um elemento ou a manifestação de um evento incomum e não usual, tendo como contraponto o sólito, o ordinário, o habitual. Na literatura, o termo conecta-se ao fantástico e a suas vertentes, permitindo que as narrativas, por meio do jogo entre o possível, o provável e o impossível, proponham questionamentos, estranhamentos e rupturas acerca da própria concepção de realidade. Como você enxerga a presença do insólito na sua produção literária?

R.: É algo primordial em minhas histórias. O insólito sempre me atraiu como leitora e foi natural que minha escrita também trouxesse elementos fantásticos. Sinto que sem eles falta um “tempero” no que escrevo.

P.: A publicação de obras literárias fantástico-insólitas por mulheres talvez esteja em seu apogeu nos últimos anos,

embora sempre houvesse autoras dedicando-se a esse tipo de literatura, seja no Brasil ou em outros países. Você identifica a influência dessas escritoras – brasileiras e/ou estrangeiras – na construção dos seus textos? Se sim, quais seriam essas influências?

R.: Durante minha formação como leitora fui influenciada principalmente por uma autora chamada Lian Hearn, pseudônimo de Gillian Rubinstein. A sua série, *A Saga Otori*, me marcou muito tanto em termos de trama quanto de qualidade de narrativa. Assim, quando dei meus primeiros passos como escritora, tive a Lian como uma grande referência e inspiração.

P.: **Este dossiê tem o intuito de evidenciar a produção literária de escritoras brasileiras que trazem em suas narrativas o insólito como um dos seus traços de identificação. Em *A torre acima do véu*, temos autoria feminina, uma jovem protagonista e um cenário distópico, alguns dos muitos elementos capazes de gerar vendas significativas neste nicho editorial. Como você avalia a performance da sua obra de estreia quanto à perspectiva de mercado? Como foi a recepção do público e da crítica?**

R: *A Torre Acima do Véu* foi um livro muito importante para minha carreira. Foi minha estreia solo e me abriu muitas portas no mercado editorial. O livro até hoje é lembrado pelos leitores e recebe elogios, algo que me deixa extremamente feliz.

P.: **Partindo do pressuposto de que o texto literário tem o seu nascedouro numa sociedade e num tempo concretos, isso em diálogo com a experiência do autor, *A torre acima do véu* nos**

apresenta um cenário caótico que poderia ser caracterizado também como distópico. Desde esse ponto de vista, o seu contexto histórico-social e a sua formação acadêmica incidem de que maneira em seu processo de escrita? Como os elementos da publicidade e da propaganda se inserem no seu fazer literário?

R.: Minha formação como publicitária me ajudou bastante na hora de promover meus livros, principalmente no início da minha carreira. Graças ao que aprendi, pude pensar em estratégias de divulgação, promoções e sorteios que chamassem os leitores, artes promocionais e até mesmo cheguei a fazer *booktrailers*, desde o roteiro até a edição.

P.: Ao considerarmos *A torre acima do véu* como uma obra juvenil, de que maneira a personagem Beca sintetiza e catalisa os anseios do feminino juvenil numa realidade marcada pela supremacia do masculino? Beca é uma saltadora, ou seja, uma jovem marcada pelas consequências do véu. Como esse traço insólito da personagem a potencializa ou a restringe? Na esteira dessa pergunta, houve alguma personagem feminina de narrativas do insólito, que tenha te marcado ou inspirado na construção de seus personagens?

R.: Beca tem que lidar com um ambiente hostil sem se deixar esmorecer, mas também sem se tornar dura e inflexível. Acredito que suas habilidades como saltadora potencializam sua personalidade que anseia por liberdade. Existem várias personagens femininas que me inspiraram, tanto na literatura quanto em outras mídias, mas aquela que mais me marcou foi

a Éowyn, de O Senhor dos Anéis. Lembro de ficar extasiada quando ela, durante a guerra em O Retorno do Rei, revelou sua identidade e matou o Rei Bruxo de Angmar.

P.: Poderíamos, graficamente, visualizar a estruturação dos capítulos (e da narrativa) de *A torre acima do véu* num movimento de descendência e ascendência. Numa perspectiva mais direta, o mergulho no véu, como um batismo, mostra-se revelador e transformador. Cada capítulo, como num quiasmo (ou gangorra), encontra seu par no capítulo diagonalmente oposto, por exemplo, o capítulo 02 em relação ao capítulo 21. Como esse movimento forma-conteúdo se relaciona com as muitas facetas da sociedade aí narradas?

R.: A sociedade de *A Torre Acima do Véu*, assim como nossa sociedade moderna, é recheada de conflitos e tensões. No livro, busco demonstrar como a destruição veio exacerbar problemas que já existiam anteriormente. Então, temos a violência e a escassez ainda mais proeminentes na vida daquelas pessoas, a Torre exerce sua autoridade de maneira unilateral e manipuladora enquanto grupos insatisfeitos buscam formas de destituí-la do poder. Os sobreviventes se sentem destituídos de propósito e autonomia. É uma sociedade parcamente organizada que flerta com o caos a todo instante, já que suas bases morais foram bastante enfraquecidas.

P.: Sua literatura estabelece estreito diálogo com outras linguagens, como observado em *Heróis de Novigrath*, romance no qual ganha destaque uma personagem de jogo de computador. Poderia nos comentar um pouco sobre isso

levando em consideração seu público leitor e sua atuação na promoção de eventos sobre o tema?

R.: Gosto de escrever sobre temas variados e que me interessam, jogos eletrônicos estão entre eles. Animes, quadrinhos, séries e filmes também são grande fonte de inspiração para mim. Sempre procuro usar elementos interessantes da cultura pop em minhas histórias, pois é algo que me agrada pessoalmente e também sei que é do gosto dos meus leitores.

P.: Poderia nos comentar um pouco sobre como se dá seu processo criativo de elaboração de suas narrativas?

R.: Como mencionei na resposta anterior, gosto de escrever sobre temas que me interessem. Não me prendo em um único tema, buscando variar entre os subgêneros da literatura fantástica. Normalmente a trama da história vem primeiro e me guia para a ficção científica ou terror, por exemplo, não é algo que eu predetermine antes de escrever.

P.: Como você observa o lugar de Belém, do Pará, do Brasil e da América Latina na sua literatura?

R.: Retratar as vivências da minha região nas minhas histórias é algo que busco com certeza, se a história me possibilita isso, vou sempre procurar mostrar Belém e as realidades daqui. Meu livro *Heróis de Novigrath*, por exemplo, mostra jovens de diversos lugares do Brasil, incluindo um paraense. No *A Torre Acima do Véu*, porém, a trama não me possibilitava essa inserção, então optei por algo mais focado na América Latina.

P.: Para terminar, conte-nos um pouco sobre seus projetos futuros, sobre o que seu leitor pode esperar para os próximos anos.

R.: Tenho dois livros planejados. Um é uma fantasia urbana bem caótica e o outro é meu projeto especial que se passa na Ilha do Marajó, espero poder falar mais deles em breve. Além disso, também tenho novidades no universo de *A Torre Acima do Véu* que os leitores irão amar. Aguardem!